

DOI: <http://dx.doi.org/10.18226/19844921.v14.n34.09>

---

## Silenciamentos e apagamentos das prostitutas judias

*Silencing and erasure of jewish prostitutes*

**Raquel Baldissera\***  
**Maria Cleci Venturini\*\***

**Resumo:** A questão a ser respondida neste texto é: como no discurso sobre as prostitutas polacas judias se constroem efeitos de resistência, de apagamentos e de silenciamento, sinalizando para a divisão de classes sociais na prostituição? Respondemos à questão a partir dos pressupostos teórico-metodológicos da Análise de Discurso, tal como proposta por Pêcheux, Orlandi e analistas de discurso que comungam da mesma teoria. Mobilizamos, também, conhecimentos da história, tomando-os a partir de narratividades, que dão visibilidade ao modo como se constituem efeitos de sentido. O recorte analítico incide sobre as prostitutas judias que vieram da Europa para o Brasil no ano de 1867, fugindo de práticas antissemitas. No Brasil, essas mulheres viveram à margem da sociedade por quase um século, sendo exploradas por cafetões, muitas vezes judeus.

**Palavras-chave:** Resistência. Discurso. Memória. História. Mulheres.

**Abstract:** The question to be answered in this paper is: How in the discourse on Polish Jewish prostitutes are constructed effects of resistance, erasure and silencing, signaling the division of social classes in prostitution? We answered the question proposed based on the theoretical-methodological presumptions of Discourse Analysis, as proposed by Pêcheux, Orlandi and discourse analysts who share the same theory. We also mobilize knowledge of history, taking them from narratives, which give visibility to how effects of meaning are constituted. The analytical section focuses on Jewish prostitutes who came to Brazil from Europe in 1867, fleeing anti-Semitic practices. In Brazil, these women lived on the margins of society for almost a century, being exploited by pimps, often Jews.

**Keywords:** Resistance. Speech. Memory. History. Women.

---

\* Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO), bolsista CAPES.

\*\* Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO) e Universidade Federal do Paraná (UFPR).

## Introdução

Ela não é senão o que o homem decide que seja; daí dizer-se o “sexo” para dizer que ela se apresenta diante do macho como um ser sexuado: para ele, a fêmea é sexo, logo ela o é absolutamente. A mulher determina-se e diferencia-se em relação ao homem e não este em relação a ela; a fêmea é o inessencial perante o essencial. O homem é o Sujeito, o Absoluto; ela é o Outro (BEAUVOIR, 1967, p. 10).

A epígrafe com que iniciamos este artigo ilustra o pensamento de Simone de Beauvoir (1967), dá visibilidade à condição feminina e ancora nossas tomadas de posição em torno da prostituição das mulheres polacas-judias. Vale sublinhar que a filiação ideológica do sujeito que lê Beauvoir (1967) determina que memórias e discursos significam a mulher como metáfora do ‘sexo’, desde os tempos remotos, marcando os efeitos de repetibilidade, de retornos, de citações que reforçam esse imaginário.

Para tratar da discursividade<sup>3</sup> em torno da prostituição, tomamos como objeto discursivo as mulheres judias, que foram silenciadas e apagadas da história e da formação social, especialmente, aquelas trazidas para o Brasil, para a Argentina e para os Estados Unidos pela organização criminosa Zwi Migdal para serem aliciadas como escravas. As primeiras notícias da chegada das polacas-judias trazidas da Europa remontam a 1867, dando conta que elas vieram seduzidas por falsas promessas de casamento. Essas promessas encobriam uma rede de prostituição que submeteu mulheres a práticas coercitivas e de opressão vigente por mais de cem anos.

Nesta pesquisa, filiada à Análise de Discurso (AD) de vertente pecheuxtiana, buscamos responder à seguinte questão de pesquisa: como no discurso sobre as prostitutas polacas-judias se constroem efeitos de resistência, de apagamentos e de silenciamento, sinalizando

<sup>3</sup> A discursividade, conforme Orlandi (2004, p. 38), se constitui pela supressão da exterioridade para que ela possa “intervir como textualidade”.

para a divisão de classes sociais na prostituição? Para responder a essa questão, enlaçamos a Análise de Discurso e o que diz a história, analisando os efeitos dessa narratividade que dá visibilidade ao modo como esses efeitos se constituem. Recortamos sequências discursivas retiradas da obra *Baile das máscaras: Mulheres Judias e Prostituição: as polacas e suas associações de Ajuda Mútua*, de Beatriz Kushnir (1996), historiadora formada pela Universidade Federal Fluminense, em 1994.

O texto constitui-se de duas partes, além da introdução e da conclusão. Na primeira parte, tratamos das condições de produção do discurso *sobre* as mulheres judias, sublinhando que, como prostitutas, as polacas judias optaram por se passar por francesas, ancoradas em memórias e discursos que circulam na formação, à época. Destacamos ainda nessa primeira parte, os dispositivos teórico-metodológicos da Análise de Discurso, com vistas a responder às questões que nos movem. Já na segunda parte, são analisadas as sequências discursivas retiradas da obra *As polacas e suas associações de Ajuda Mútua*, de Beatriz Kushnir (1996), considerando os pressupostos teórico-metodológicos da Análise de Discurso e o movimento pendular, que, de acordo com Petri (2013), são movimentos constantes e concomitantes que vão da teoria para a análise, sinalizando a não separação entre teoria e prática.

## **Das condições de produção: memória, história, historicidade**

Na perspectiva discursiva, os sentidos não se fecham e a interpretação se sustenta por meio de acontecimentos históricos, como o apagamento dessas mulheres. Para Paul Veyne (1998), a história é comparada a um romance, uma narrativa de fatos e acontecimentos, e, como tal, tem o homem (historiador) como autor/narrador dos fatos.

Considerada como construção de uma narrativa por um sujeito, do ponto de vista discursivo, conforme Maria Cleci Venturini (2009), a história é uma versão que resulta da tomada de posição do sujeito, dentro de acontecimentos narrados a partir das condições de produção que lhes são impostas e à formação discursiva em que se inscreve. Segundo Eni Puccinelli Orlandi (2005, p. 30), “em sentido estrito e temos as circunstâncias de enunciação: é o contexto imediato. E se as consideramos em sentido amplo, as condições de incluem o contexto sócio-histórico, ideológico”.

A Análise de Discurso<sup>4</sup> não busca conteúdos, mas “os processos de constituição da linguagem e da ideologia” (ORLANDI, 2004, p. 30). Aínda, dentro do que se estabelece como unidade de uma materialidade, é importante salientar o texto como uma peça que encaminha para o simbólico e, conforme Orlandi (2004, p. 54), para o discurso, que “reinstala imediatamente a sua incompletude”. Trata-se, conforme a autora, de uma unidade não fechada — embora como unidade de análise ele possa ser considerado uma unidade inteira —, pois ele tem relação com outros textos (existentes, possíveis ou imaginários), com suas condições de produção (o sujeito e a situação) e com o que chamamos de sua exterioridade constitutiva (o interdiscurso, a memória do dizer).

A definição de texto de Orlandi (2004) e o funcionamento da AD como disciplina de entremeio possibilita trazer a história, marcando que não há um tratamento por se interdisciplinar, mas relações de aproximação, sinalizando que uma disciplina busca questionar o que a outra deixa de fora. Assim, a História é mobilizada para ancorar as análises e, ao mesmo tempo, para dotar a textualidade de efeitos de verdade. Nesse funcionamento, a história não é tomada dentro de cronologias, mas como uma versão que se diferencia da ficção por

---

<sup>4</sup> Doravante AD.

possuir uma referência documental datada e verificável (VENTURINI, 2021, p. 159). Discursivamente, o que a História funciona como historicidade, definida por Orlandi (2004, p. 68) como “o acontecimento do texto no discurso, o trabalho dos sentidos nele. Sem dúvida há uma ligação entre a história externa e a historicidade do texto a trama de sentidos nele”.

Desse modo, no discurso enquanto “efeito de sentido entre os pontos A e B” (PÊCHEUX, 2019, p. 39), as condições de produção possibilitam que a história e o sujeito possam constituir efeitos de sentidos no discurso, “pela relação entre aquilo que é interno ao sistema linguístico e o que age de fora, o sistema sócio-histórico” (OLIVEIRA; RADGE, 2021, p. 47). Ainda dentro das condições de produção, no que diz respeito à história, à historicidade e à literatura, como práticas sociais que destacam as recorrências, salientamos a necessidade de estabelecer diferenças e, ao mesmo tempo, a produtividade das relações que constituem os entremeios, sustentando dizeres e fazendo com que retornem memórias e discursos já-ditos e esquecidos.

Desse modo, neste trabalho, tomamos os textos já citados, considerando a história de exclusão e divisão de classes de mulheres francesas e prostitutas judias como condições de produção. Sem desconsiderar a formação discursiva (FD), que determina o que pode e deve ser dito, como nos ensina Michel Pêcheux (1997, p. 160), sinalizando que o sentido das palavras desdobra-se de posições ideológicas decorrentes da interpelação dos sujeitos. A formação ideológica (FI) tem como seu componente uma ou várias formações discursivas (FD)<sup>5</sup>, em que os sujeitos se inscrevem.

Essa noção é produtiva para se pensar sobre as prostitutas judias silenciadas e apagadas no contexto histórico. Nessa posição, funciona a resistência, isto é, o afastamento, o questionamento e as

---

<sup>5</sup> Doravante FD.

tomadas de posição significam discursivamente pelo modo como as palavras são mobilizadas e significadas por meio de processos discursivos que Pêcheux (1997, p. 161) designa de “sistema de relações de substituição, de paráfrases, sinonímias, etc. que funcionam entre elementos linguísticos — ‘significantes’ em uma formação discursiva dada”. Daí se pode afirmar, de acordo com Orlandi (2004, p. 43), que a FD é o lugar da constituição dos sentidos e esses podem mudar/retornar pelo mesmo ou pelo diferente, deslizar, conforme a FD dada.

Formação Ideológica (FI) e Formação discursiva (FD) são componentes interligados: a primeira refere-se à ideologia, e a segunda, às determinações do dizer a partir do ideológico — e, nesse funcionamento, a FD materializa a FI no discurso.

Ainda de acordo com os pressupostos pecheuxtianos, toda FD dissimula, pela transparência de sentido, o fato de que, segundo Orlandi (2013, p. 44), há algo que sempre fala antes, em outro lugar e independentemente. Tem-se, portanto, a ilusão de que aquilo que se diz é sempre novo e original, esquecendo-se do que já foi dito antes sob a dependência do interdiscurso. Dessa forma, sobre a história, fatos e acontecimentos, o que se tem são pontos de vista, interpretações, sentidos.

Pelo viés discursivo, a história é materialidade simbólica e, segundo Orlandi (2012, p. 45), relaciona-se à “ordem da língua, enquanto sistema significante material”. Pela relação entre a ordem da língua (funcionamento, falha) e a ordem da história (equivoco, interpretação), enquanto forma material, é que se pode observar a ordem do discurso. Dessa forma, história e discurso estão imbricados. Ou seja, no discurso é que se pode flagrar os movimentos da história, da língua e da sociedade pelas condições de produção, pelas quais esse histórico pode ser significado, não como fato datado, temporalizado, mas como historicidade.

Conforme Venturini (2009), abordar a história em AD significa observar o movimento discursivo dos sentidos, historicizando o dizer e significando no discurso pelo mesmo (paráfrase) ou pelo diferente (polissemia). A memória para a AD, de acordo com Freda Indursky (2011, p. 70), é social, e “o sujeito, ao produzir seu discurso, o realiza sob o regime da repetibilidade, mas o faz afetado pelo esquecimento, na crença de ser origem daquele saber”. Assim, nessa perspectiva, memória é discurso em circulação, produzido com base no já-dito e, como diz Indursky (2011, p. 72), “podem se transformar e tornarem-se outros”.

### ***As polacas e suas associações de ajuda mútua, de Beatriz Kushnir (1996)***

Para responder nossa questão de pesquisa, buscamos embasamento teórico na Análise de Discurso (AD), fundada por Pêcheux na década de 1960, e no Brasil por Eni Orlandi. Na perspectiva discursiva em que nos inscrevemos, os objetivos e a questão de pesquisa direcionam o trabalho do analista de discurso, tendo em vista, de acordo com Orlandi (2005, p. 62), que a “análise de discurso, interessa-se por práticas discursivas de diferentes naturezas: imagem, som, letra, etc.” e não busca a exaustividade, nem a completude”.

O nosso objeto discursivo são as mulheres judias sujeitadas ao silenciamento por meio da prostituição e divisão de classes, tendo em conta a história e a memória, demandando que se diferencia história como disciplina e no discurso. Para Venturini (2009, p. 87), memória e história são formas de “narrativa e de representação que se distinguem de outros discursos que enfocam a realidade, pois o seu referente é o passado transcorrido”.

Trazemos a História em relação ao discurso, tendo em vista que há fatos e documentos que dotam de efeito de concretude os discursos

e os acontecimentos em torno das polacas judias, destacando o discurso *sobre* a exclusão sofrida por elas e *sobre* o modo como praticaram a ajuda mútua. Vale destacar a história tomada como uma versão por deslocar sentidos, a partir de sujeitos condenados a praticar a interpretação (ORLANDI, 2004), e, de acordo com Venturini (2021, p. 162), “como um ponto importante de convergência entre a Análise de Discurso e a História”.

Além da história, enfocamos também a Literatura, pela qual, muito provavelmente, devido à licença poética e à ausência de cobrança em torno da relação existente entre o que é verdade ou ficção, emergem discursos silenciados, proibidos, que fazem parte do que é subterrâneo, não-discursivizados. Em torno das prostitutas judias, conhecidas como polacas, havia um certo silenciamento às memórias e aos discursos que ressoam como pré-construídos em torno desse povo. As prostitutas designam-se de francesas, entendendo que essas eram mais valorizadas que as brasileiras, judias ou outras tantas.

No que tange às prostitutas judias, Moacyr Scliar (1975) se propõe a romper o silêncio em relação a essas mulheres, podendo fazê-lo por um lado por ser judeu e por outro por querer “exorcizar demônios”, mesmo sabendo que essa não era uma tarefa fácil. Ele escreve, em 1975, a obra *Ciclo das Águas*, em que trata dos judeus e da imigração da Europa Oriental para as Américas, e dedica atenção em parte da obra ao tráfico de escravas brancas.

Já José Lins do Rego, que não era judeu, ilustra a divisão da sociedade em classes, inclusive no que tange à prostituição, especialmente nas obras inscritas no “ciclo da cana-de-açúcar”, em que retrata a decadência dos engenhos. O autor publica cinco obras e, no que tange às prostitutas, destacamos *O menino de engenho* (2012) e *Usina* (2012a), obras em que são mais fortemente abordadas as relações de gênero no Nordeste. Esses romances evidenciam os



lugares de privilégio do senhor, dono de um engenho de cana-de-açúcar, no período da escravidão, tal como a opressão de negros que estavam impostos a trabalhos escravos. Trazemos essas duas obras para destacar a recorrência da divisão de classes, em relação às mulheres negras/escravizadas que trabalhavam no engenho e serviam seus senhores pelo prazer, geralmente deles e não delas.

No engenho, as mulheres eram significadas como objeto sexual, naturalizadas em uma vida desumana, com filhos sem nomes, sem identificação, apenas chamados de moleques. Já as mulheres francesas, eram vistas como figuras de poder e valorização.

As negras, porém, nos respeitavam. Não abriam a boca para imoralidade na frente da gente. Estavam elas nas suas palestras de intimidade de cada uma, e mal nos viam mudavam de assunto. E, no entanto, recebiam os seus homens no quarto com os filhos. O meu primo Silvino nos contou um dia o que vira no quarto da negra Francisca: — Zé Guedes numa cama de vara ringindo. E todo ano pariam o seu filho. Avelina tinha filho do Zé Ludovina, do João Miguel destilador, do Manuel Pedro purgador. Herdavam das mães escravas esta fecundidade de boas parideiras. Eu vivia assim, no meio dessa gente, sabendo de tudo o que faziam, sabendo de seus homens, de suas brigas, de suas doenças (REGO, 2012, p. 73).

As mulatas, conforme nos indica a narrativa, eram prostitutas, e, devido a essa condição, eram forçadas a se prostituírem, sendo significadas como servidoras de seus senhores, como se pode observar no fragmento:

Às vezes, da estrada, pediam para comprar coisas na vila: carretéis de linha, papel de agulhas. Zé Guedes entregava as encomendas, puxando conversas compridas com as mulatinhas. — Aquela ali já foi passada. Quem manda nela é o doutor Juca (REGO, 2012a, p. 53).

Os dois exemplos ilustram as diferenças: enquanto as mulatas se contentavam com casas de palhas e cortes de chita, as francesas eram as mais luxuosas e as negras não tinham nenhum direito. A passagem do engenho para a usina dá visibilidade, também, ao

aumento da prostituição e ao modo de significar as mulheres por seus traços identitários e por suas histórias.

De acordo com Beatriz Kushnir (1996), a obra *Baile das máscaras: mulheres judias e prostituição: as polacas e suas associações de Ajuda Mútua*, propõe repensar esta questão, mergulhando “nesse aspecto da imigração”, e busca compreender a densa problemática da construção de uma identidade judaica com seu conceito moderno. Daí destacarmos que outros autores brasileiros trataram desse silenciamento e apagamento, não só das judias, mas também, da condição feminina como prostituta.

A historiadora focaliza o tráfico de mulheres brancas para a prostituição nas cidades do Rio de Janeiro, São Paulo, entre outras, realizando pesquisas em documentos das Associações de ajuda mútua, Atas de Assembleias, livros-caixa, depoimentos de funcionários, livros de registros de óbitos e outras materialidades que ajudam a compreender a vida e a história da vida dessas mulheres, que foram discriminadas, principalmente, pela própria associação judaica brasileira, que não permitiu que elas fossem enterradas em cemitérios judaicos e nem entrassem em templos religiosos.

A obra *Baile das máscaras: mulheres judias e prostituição: as polacas e suas associações de Ajuda Mútua*, de Kushnir (1996), lida pelas lentes da perspectiva discursiva pecheuxtiana, como “lugar de memória”. Interessa-nos o “entrelaçamento do histórico, cultural e simbólico” (INDURSKY, 2011, p. 73) que a constituem como incompletude. Nesse sentido, analisamos as relações entre discurso, memória e história para compreender o modo como essas mulheres prostitutas são significadas e silenciadas, ressaltando que não estamos buscando nem a verdade e nem a objetividade.

Kushnir (1996) sublinha que os traços identitários entre as polacas e os judeus foram apagados, começando pelas questões religiosas,

que as impedia de serem enterradas nos cemitérios israelitas. Essa exclusão decorre, de um lado, pelo fato de os Judeus imigrantes, que vinham fugidos das perseguições religiosas, quererem legitimar as suas tradições, buscando mostrar somente o que tinha de positivo em relação à sua cultura e aos seus costumes. De outro lado, as mulheres judias, devido às condições desfavoráveis (analfabetismo, falta de dote, a facilidade da prostituição), foram envolvidas no mercado de prostituição (tráfico de mulheres brancas), assumindo-se como judias, sem condições de construir laços e de se socializar, principalmente, com a sua própria comunidade judaica, pois foram significadas como vergonha para os judeus.

A autora, por meio de documentos e relatos, recupera em seu livro a história desse grupo de mulheres de origem judaica que ficaram conhecidas como “As polacas”, esquecidas em seus túmulos em cemitérios de São Paulo e do Rio de Janeiro. Eram judias pobres da Rússia, Galícia e Polônia, que foram atraídas para a América do Sul por homens que prometiam vida melhor, casamentos e dinheiro. Chegando ao Brasil descobriram que foram enganadas e surpreendidas com uma realidade diferente, aqueles homens que lhes prometeram vida melhor, eram donos de prostíbulo e estavam no meio do tráfico de mulheres. Assim nasceram “As Polacas”, como ficaram conhecidas nesse meio de prostituição.

A palavra “polaca” designa de forma pejorativa essas mulheres, por serem jovens brancas e estrangeiras, e o estereótipo de polaca se tornou ofensivo para os judeus, pois passou a ser sinônimo de prostituta. As jovens judias, sujeitas a violências, humilhação e discriminação, tinham pouca perspectiva de vida, mas algo em comum fortalecia o grupo — a religião judaica. “A necessidade de sair da exclusão e de auxiliar uns aos outros fez com que, em cada cidade onde chegassem,

as polacas fundassem sociedades de ajuda mútua” (KUSHNIR, 1996, p. 141).

Essa sociedade feminina fazia parte da Associação implantada por elas e documentada, dando aparato necessário para as mais desprovidas de recursos, prestando auxílio em caso de doenças, internações e, até mesmo, a garantia de sepultamento digno em casos de morte. Mas essa associação, com a passagem do tempo e a morte das mulheres precursoras dessa prática, acabou não tendo continuidade, apagando-se da história e abafando a memória. Em relação às judias podemos dizer que

[...] fundou-se na constituição de um imaginário voltado para a idealização das regiões distantes povoadas por raças diferentes, onde ocorriam histórias fantásticas de nobres, num país onde até então grande parte das prostitutas provinha dos contingentes de escravas e ex-escravas negras, principalmente no Rio de Janeiro. Mulheres loiras, ruivas, claras, delicadas, de olhos verdes ou azuis tornavam-se mais misteriosas e inatingíveis para uma clientela masculina seduzida pelos mistérios fantásticos da vida moderna e impulsionada pelo desejo de desvendar física e simbolicamente os labirintos (RAGO, 1991, p. 294).

As mulheres que foram trazidas para o mundo da prostituição devido à aparência de jovens muito bonitas, com traços estrangeiros, marcadas com o estereótipo de polaca, como uma designação que fazendo retornar discursos e memórias no Brasil, constituindo esse acontecimento como discurso. Há de se dizer que elas não são assim designadas por serem nascidas na Polônia, mas por ‘polaca’ significar de forma pejorativa estrangeiras e prostitutas, ficando de fora do discurso alinhado ao judaísmo tradicional.

Esse discurso sobre as prostitutas judias dá visibilidade a mulheres exploradas e excluídas, discriminadas, até mesmo pela comunidade judaica, espaço em que eram consideradas impuras e pecadoras, não merecendo o mesmo lugar que os demais judeus. Essa exclusão é reforçada e demarcada por meio dos muros dos cemitérios, pois nem

mesmo o enterro, poderia ser no mesmo local. Para a religião judaica aqueles considerados impuros não deveriam ser sepultados junto aos demais judeus.

De acordo com Kushnir (1996, p. 140), “para as normas religiosas judaicas, os suicidas e as prostitutas devem ser enterrados junto ao muro, num lugar de exclusão, para demarcar uma condenação da religião a tais práticas”. As prostitutas eram vistas como uma vergonha para a comunidade judaica, representando um perigo, caso aparecessem elementos que as identificassem com a comunidade. Para que isso não acontecesse e esse “problema” não chegasse à população judaica, o pequeno grupo desfavorecido estava proibido de participar de qualquer atividade realizada pela comunidade, principalmente as do domínio do cristianismo, continuando apenas a serem conhecidas como “as polacas”.

A designação ‘as polacas’ instaura redes de memória e de sentidos, funcionando como uma marca indicativa de mulheres impuras, sujas, que passaram a não fazer mais parte daquela religião, sendo somente prostitutas, permanecendo no desvio entre os sujeitos que figuravam no grupo seletivo daqueles que são honestos e vistos assim dentro da comunidade.

Os cemitérios, significados pela noção da historicidade como o que cerca esses locais e pelas memórias que sustentam esse imaginário de local sagrado e preservado pela religião judaica, foram também local de proibição, de cerceamento e de silenciamento das prostitutas. Elas não deveriam ser enterradas ao lado de pessoas puras, sendo levantados muros para demarcar essa exclusão. Para “as Polacas” esse lugar ainda continuava sendo um lugar sagrado, independente de suas escolhas ou feitos, e a construção desse espaço que as separava dos demais judeus, sublinhava a força e a resistência

desse grupo, que se demarcou pela religião e pela identificação, como sujeitos que, conforme Pêcheux (1997), são livres para se assujeitar .

Essa proibição é que desencadeou o surgimento da *entreaajuda* e a construção de laços identitários entre as prostitutas judias e outros excluídos, dentre eles, os suicidas, instaurando efeitos de sentidos de condenação. Essa exclusão, permitiu que esse grupo de mulheres se fortalecesse a partir de proteção uma com as outras, pois tinham apenas isso, e, assim, rompendo com a exclusão social e principalmente religiosa.

É, nesse apagar de discursos e memória que os sujeitos buscam esquecer a história que envergonha determinado grupo, a qual é visível pelos registros e rastros deixados pelas polacas. Não se trata da construção de uma história isolada, mas de um modo de trabalhar a resistência, para essas mulheres e seu grupo não caírem no esquecimento. De acordo com Kushnir,

lembranças proibidas, que envergonham e que não devem ser mencionadas, são zelosamente guardadas para resguardar fronteiras já estabelecidas. Contudo, o mundo da prostituição e da marginalidade social é cercado de mitos e fantasias (KUSHNIR, 1996, p. 47).

Esse fortalecimento consolidou-se por meio da união e da Associação Feminina. Em 30 de julho de 1924, fundaram a Sociedade de Ajuda Mútua, com o auxílio de melhores condições a essas mulheres, também incluindo construção da própria sinagoga e cemitério, pois o que prevalecia para elas era a religião. A importância do respeito ao corpo e um enterro digno foi primordial para esse grupo, pois para elas esse espaço mortuário era considerado um local sagrado. Outro efeito instaurado pela *entreaajuda* é que esse grupo minoritário e excluído ganha força e união, permitindo a sobrevivência no espaço em que estavam inseridas. “As Polacas” como ficaram conhecidas,

se organizam por instituições de ajuda mútua, tendo suas identidades preservadas a partir dessas práticas coletivas.

Por meio dessas práticas coletivas, as polacas, na maioria das vezes passavam-se por francesas para que fossem mais bem pagas e favorecidas no meio da prostituição. Isso se dava ao símbolo de que as francesas serviam as classes altas da sociedade, tornando-se uma refinada prostituição de luxo e costumes. O Brasil estava no auge da modernidade, de uma nova era, representada pelos teatros e festivais noturnos, que exibiam essa modernização com desfiles e requintes, principalmente caracterizados pela moda francesa.

A partir dessa memória constitutiva de efeitos de sentidos de uma vida de alto padrão, essas mulheres públicas, conhecidas como as polacas-judias, vindas da Europa ocidental e central, que já tinham passagem por Paris e sabiam falar francês, passaram-se por francesas, pois tinham aparência e comportamentos semelhantes às francesas. A busca por melhores condições e o enfrentamento dos danos causados pela prostituição fez com que judias-polacas preferissem ser conhecidas como francesas, esperando uma melhora nas suas condições de vida.

No Brasil, essas mulheres eram muito cobiçadas, principalmente pela cor, por estarem em um mercado mais exótico, tendo em vista que a maioria das prostitutas eram negras. Como francesas atraíam clientes da classe alta, prestando serviços à nobreza.

Entre *os dois grupos*, as diferenças se estabeleceram rapidamente. Havia as *cocottes* e as polacas. As primeiras, representavam *o luxo e a ostentação*. As segundas, substituindo mulatas e portuguesas, representavam *a miséria*. “Ser francesa” significava não necessariamente ter nascido na França, mas frequentar espaços e clientes ricos. *Ser polaca significava ser produto de exportação do tráfico internacional do sexo que abastecia os prostíbulos das capitais importantes e... pobre* (DEL PRIORE, 2011, p. 60, grifos nossos).

Há uma divisão entre cocotes e polacas e também modos de significar e incluir as mulheres em lugares de prestígio e, de excluir outras, inscrevendo-as em lugares de não-prestígio. Prática semelhante é descrita e representada na obra de José Lins do Rego, especialmente, em *Menino do engenho* e *Usina*. Na primeira, as mulheres francesas faziam parte da família, sendo descritas como meninas novas e muito luxuosas, instaurando efeitos de sentidos de superioridade em relação às mulheres que viviam e se prostituíam no engenho.

*Era uma gente que não tirava as meias da manhã à noite, falava francês uma com a outra, só conversava negócios de teatro: o tenor tal, que belo homem!, a artista fulana, que chique! As filhas do tio João, quando chegavam no engenho, revolucionavam os hábitos pacatos da casa-grande. Só viviam trancadas nos banhos mornos, dando trabalho às negras, lendo romances nas cadeiras de balanço.* (REGO, 2012, p. 105, grifos nossos).

Considerando esse efeito de sentido, como a valorização e a melhor clientela por serem francesas, percebemos essa divisão de classe que alcança toda a sociedade. As polacas, eram consideradas parte dessa classe inferior que resistia e que também tinha uma função social.

O que se tem no fragmento anterior referenda as diferenças entre as que se significam e são significadas como francesas e as demais prostitutas. Pela prática de ficar de “meias” de manhã à noite e falar francês constitui-se o efeito de requinte, de poder estar vestida de modo diferente daquelas que, além de se prostituírem, se vestem de modo mais simples. A referência ao “falar francês” faz com que ressoem memórias e discursos de requinte e de prestígio.

Ao referenciar mulheres, como “gente” que faz parte dos teatros e artistas que eram assuntos abordados à época, o narrador inscreve-as em uma elite. Essas mulheres ficavam trancadas em banhos mornos, lendo romances, dando trabalho “às negras”, diferenciando-se das



demais mulheres não escolarizadas — as filhas de trabalhadores que não fazem parte das famílias das fazendas.

## **Efeitos de conclusão**

Neste texto, relacionamos a memória e discursos que retornam ao eixo da formulação e significam as mulheres discriminadas e silenciadas não somente na história, mas também na literatura, mostrando fragmentos que se aproximam do que se entende por verossimilhança, que consiste em ‘fazer parecer verdade”, conforme Antoine Compagnon (1999), sinalizando para a relação entre literatura e realidade, priorizando a narrativa – contar – o dar-se a ver.

O que trouxemos da Literatura ilustra e constitui efeitos de sentidos na circulação do que vem da história, sinalizando para a repetibilidade. A obra *Baile das máscaras: mulheres judias e prostituição: as polacas e suas associações de Ajuda Mútua*, de Beatriz Kushnir (1996), apresenta estudos sobre movimentos imigratórios de grupos de sujeitos de origem judaica que vieram para as Américas, especificamente para o Brasil.

O silenciamento da trajetória desse grupo de mulheres prostitutas do contexto histórico e a busca por melhores condições desencadeou práticas coletivas, como se passar muitas vezes por francesas para que fossem mais bem pagas e favorecidas no meio da prostituição. Isso se dava ao símbolo de que as francesas serviam as classes altas da sociedade, tornando-se uma refinada prostituição de luxo e costumes.

Podemos concluir que esse discurso sobre as prostitutas judias dá visibilidade a mulheres exploradas e excluídas, discriminadas até mesmo pela comunidade judaica, espaço em que eram consideradas impuras e pecadoras, não merecendo o mesmo lugar que os demais judeus. Essa exclusão é reforçada e demarcada por meio dos muros

dos cemitérios, pois nem mesmo o enterro poderia ser no mesmo local. Para a religião judaica aqueles considerados impuros não deveriam ser sepultados junto aos demais judeus.

Os cemitérios, interpretados pelo viés da historicidade, que cerca esses locais, e pelas memórias que sustentam esse imaginário de local sagrado e preservado pela religião judaica, foram também local de proibição, de cerceamento e de silenciamento das prostitutas. Elas não deveriam ser enterradas ao lado de pessoas puras, sendo levantados muros para demarcar essa exclusão. Para “as Polacas” esse lugar ainda continuava sendo um lugar sagrado, independente de suas escolhas ou feitos, e a construção desse espaço, que as separava dos demais judeus, sublinhava a força e resistência desse grupo.

Essa proibição é que desencadeou o surgimento da entreajuda e a construção de laços identitários entre as prostitutas judias, tentando assim, manter suas tradições por meio da Associação, para que pudessem ter ao menos um enterro digno, pois, para a religião judaica, a importância do cemitério está fundamentada no respeito ao corpo. Aqueles considerados impuros não deveriam ser sepultados junto aos demais judeus. Para “As Polacas”, esse lugar ainda continuava sendo um lugar sagrado, independente de suas escolhas ou feitos. A construção desse espaço, mesmo separados dos demais judeus, mostrou também a força e resistência desse grupo, mantidas pela religião e por suas identidades. As polonesas fundam o Cemitério Israelita de Inhaúma, mais conhecido como Cemitério das Polacas, ativo até o início de 1970, onde estão enterrados centenas de corpos dessas mulheres e de seus familiares. Após a morte delas, esse espaço se extinguiu e desde então encontra-se abandonado. Foi a partir de uma petição criada por Beatriz Kushnir, em defesa da preservação desse lugar, que o cemitério foi tombado pela Prefeitura do Rio de Janeiro, em 28 de

outubro de 2010, como Patrimônio Cultural da cidade, possibilitando que se possa ter um discurso sobre as prostitutas judias.

## Referências

BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo: a experiência vivida*. Tradução Sérgio Milliet. 2. ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1967.

COMPAGNON, Antoine. *O demônio da teoria: literatura e senso comum*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999.

DEL PRIORE, Mary. *Histórias íntimas: sexualidade e erotismo na história do Brasil*. São Paulo: Planeta, 2011.

INDURSKY, Freda. *A memória na cena do discurso*. In: INDURSKI, Freda; MITTMANN, Solange; FERREIRA, Maria Cristina Leandro (Orgs.). *Memória e história na/da Análise do Discurso*. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2011. p. 67-89.

KUSHNIR, Beatriz. *Baile de máscaras: mulheres judias e prostituição: as polacas e suas Associações de Ajuda Mútua*. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1996.

OLIVEIRA; RADGE. Condições de produção. In: LEANDRO-FERREIRA, Maria Cristina. *Glossário de termos do discurso*. Edição ampliada. 1. ed. Campinas/SP: Pontes Editores, 2020. p. 47-54.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. Campinas/SP: Pontes Editores, 2004.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *Análise de discurso: princípios & procedimentos*. 8. ed. Campinas: Pontes, 2009.

PÊCHEUX, Michel. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Tradução Eni Orlandi. Campinas: Editora da UNICAMP, 1997.

RAGO, Luzia Margareth. *Os prazeres da noite: prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo (1890-1930)*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

RAGO, Luzia Margareth. *Trabalho feminino e sexualidade*. In: PRIORE, Mary Del (Org.). *História das mulheres no Brasil*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 1997.

REGO, José Lins do. *Usina*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2012a.

REGO, José Lins do. *Menino de Engenho*. Rio de Janeiro. José Olympio/INL, 2012.

SCLIAR, Moacyr Scliar. *O ciclo das águas*. Porto Alegre/RS: Editora O Globo, 1975.

VENTURINI, Maria Cleci. *Imaginário urbano: espaço de rememoração/comemoração*. Passo Fundo: Editora da Universidade de Passo Fundo, 2009.

VENTURINI, Maria Cleci. Discussões sobre história e memória na Análise de Discurso e na história. In: ZANDWAIS, Ana; RASIA, Gesualda dos S. (Org.) *Relações entre discurso e história*. Campinas/SP: Companhia das Letras, 2021. p. 161-186.

VEYNE, PAUL. *Como se escreve a história: Foucault Revoluciona a história*. 4. ed. Editora Universidade de Brasília, 1998.

*Recebido em: 23/09/2022*

*Aprovado em: 03/11/2022*